

Apresentação

Consolidando o debate sobre a pertinência da Teoria da História para o desenvolvimento do pensamento histórico, este número visa instigar reflexões acerca de sua relação com o trabalho conceitual e metodológico.

Abrindo o **Dossiê Pensamento histórico: teorias, métodos, conceitos**, o artigo do Professor convidado José Carlos Reis, *O lugar da teoria-metodologia na cultura histórica*, trabalha a necessidade da reflexão teórico-metodológica em todos os âmbitos do pensamento histórico, evitando restringi-la a etapas isoladas do fazer historiográfico, incorrendo em uma compartimentação estanque na própria pesquisa historiográfica e na cultura histórica em geral. Para o professor, tal reflexão deve ultrapassar as demandas institucionais da História como disciplina acadêmica.

Perpassando de maneira igualmente abrangente e profunda o âmbito do pensamento histórico, em suas diversas formas, está a contribuição de Dominique Vieira Coelho dos Santos. Em seu artigo *Acerca do conceito de representação*, ele problematiza uma questão premente nos estudos culturais, especialmente no contexto da discussão sobre a pós-modernidade: a *representação* como ponto central de diversas reflexões teóricas sobre as possibilidades do conhecimento das coisas humanas.

Neste sentido, são complementares as reflexões de Luana Neres de Sousa, em seu artigo *Objetividade e Intersubjetividade: uma análise acerca da pretensão de cientificidade na História*. A autora apresenta as discussões sobre a objetividade desde a constituição da História como ciência, passando pelas críticas ao “positivismo”, e pelas atuais polêmicas na historiografia acerca do caráter científico da história, buscando articular o pensamento sobre a consciência histórica em Jörn Rüsen e o problema das identidades em Stuart Hall.

Aprofundando o debate a respeito da proximidade entre os campos histórico e ficcional, Warley Alves Gomes, em seu artigo *O fingir historiográfico: a escrita da história entre a ciência e a ficção*, trata das polêmicas acerca do imbricamento de elementos ficcionais na operação historiográfica, desde os textos fundadores de Hayden White, Michel de Certeau e Carlo Ginzburg até as refinadas contribuições de Luís Costa Lima.

Ainda a respeito do diálogo entre história e literatura, os apontamentos de Lainister de Oliveira Esteves se concentram no problema do uso de fontes literárias para o conhecimento histórico. Em seu artigo *História e Literatura: possibilidades do fazer historiográfico*, ele discute a historicidade da literatura e suas potencialidades documentais a partir do projeto literário do escritor norte americano Henry Miller.

Partindo para o campo da história oral, a reflexão metodológica de Antônio Marcos de Almeida Ribeiro sobre este tipo de abordagem em *História Oral Brasileira: trajetórias e perspectivas*, busca traçar o panorama de sua prática na historiografia brasileira, estabelecendo os momentos decisivos de sua consolidação.

Em seu artigo *Da premissa metafísica à história do sentido: a verdade em questão e sua concepção como objeto em Nietzsche*, Sérgio Campos Gonçalves apresenta, a partir de uma exegese, como o filósofo alemão desloca a questão da verdade das reflexões essencialmente metafísicas para o âmbito da crítica histórico-filosófica.

Aproximando o pensamento antropológico dos problemas da Teoria da História pela via da crítica pós-estruturalista, o artigo de Philippe Delfino Sartin, *Sobre liminaridade: relendo Victor Turner em chave pós-estrutural*, apresenta algumas propostas para a concepção dos objetos na pesquisa historiográfica, discutindo a relação entre as noções de indivíduo e estrutura.

Isadora Tavares Maleval em seu artigo *Bento Mure e a querela médica nas páginas da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de 1847*, ressalta os aspectos institucionais, políticos e ideológicos que envolvem a construção do conhecimento histórico, a partir de uma análise dos eventos conflituosos envolvendo um médico homeopata e o IHGB nas tentativas de se produzir uma imagem homogênea do Instituto, com o intuito de legitimar um projeto político para o Brasil Imperial.

O artigo de Rodrigo Oliveira de Araújo, *Ensaio sobre a historiografia da formação do capitalismo brasileiro sob a perspectiva teórico metodológica de João Bernardo*, apresenta um balanço historiográfico a respeito do capitalismo no Brasil, enfatizando, a partir das teorias do pensador português, a superação de uma perspectiva estritamente burguesa e a formação de uma nova categoria no interior da luta de classes: os gestores.

O último artigo, *Da revolução, a modernidade e o progresso: a emergência da filosofia da história em Kant, Hegel e Marx*, de Ruben Maciel Franklin, versa sobre a relação entre o pensamento sobre os eventos dos séculos XVIII e XIX, e as emergentes filosofias da história, centradas nos conceitos de progresso, modernidade e revolução,

desde o pessimismo dos poetas Goethe e Baudelaire à análise marxiana da luta de classes, apontando os caminhos para a construção do moderno conceito de história.

Finalizando o presente volume da Revista de Teoria da História, temos ainda a resenha de Alexandre Cursino sobre o livro de Jack Goody, *O Roubo da História*, recentemente traduzido para a língua portuguesa.

Os Diretores.